



REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ÓRGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO - Urca - Telefone 26-2375

Rio de Janeiro - Brasil

Fundada em Maio de 1932 — pelo General NEWTON CAVALCANTI

Diretor Geral — Ten. Cel. OTAVIO SALDANHA MAZZA
Diretor — Cap. HORACIO CANDIDO GONCALVES
Redator Chefe — Cap. ANTONIO PEREIRA LIRA
Gerente — Cap. ANTONIO LUIZ DE BARROS NUNES
Revisor — 1.º Ten. AIRTON SALGUEIRO DE FREITAS

ANO VI — SETEMBRO DE 1938 N. 42
EDITA-SE NO INÍCIO DE CADA MÊS

Preço: último número, 1\$500; atrasados, 2\$000

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar nome ou função.

Preços: sob registro: 20\$000; porte simples: 15\$000.

As assinaturas constam de 12 números, são pagas adiantadamente e começam com o número a ser editado.

O Sgt. Aj. AUGUSTO LOPES DA SILVA é o único cobrador autorizado desta Revista.

◆ BELEZA OLÍMPICA ◆

ESTÃO ainda vivendo no espírito de todos os povos as últimas Olimpíadas realizadas em Berlim. Vivendo em cada um de nós, porque todos nós acompanhamos com entusiasmo o desenrolar de todas as suas sensacionais realizações. Mas entre os jovens brasileiros que cultivam e aplaudem a educação física, que vibraram acompanhando de longe as Olimpíadas, quantos poderiam afirmar conhecerem o verdadeiro sentido dessa palavra, a verdadeira finalidade desses jogos magníficos, o sentido, enfim, da beleza olímpica, imortalizando na civilização mundial as esplêndidas festas gregas de há três mil anos?

A pequena cidade de Olímpia, cujo nome se projeta através do tempo como berço dessas celebrações atléticas, lá está, silenciosa e calma, adormecida sobre os louros que a posteridade renova sempre e que não deixará murchar. A razão fundamental dessa imortalidade, o sopro de vida que mantém frescas e verdes as folhas da coroa olímpica, sobre a fronte dos atletas do passado, é essa mesma beleza olímpica que não era só do corpo nem só do espírito, mas formada pela própria harmonia humana ideal de poetas e de governantes, símbolo de um povo incomparável na história de todos os povos.

A idéia de fazer reviver o esplendor dos Jogos Olímpicos, incentivando o cultivo dos exercícios mais variados e criando, ao mesmo tempo, um pretexto para a exaltação de grandes e belas virtudes — a lealdade, a coragem serena, o espírito de cooperação, — foi uma das mais fecundas para a nossa era, tão inquieta e tão atordoada de problemas políticos e materiais. Prova-o eloquentemente o verdadeiro oasis que constituiu na Europa armada em guerra, torturada e violenta, dilacerada por ambições sem limite, esse agrupamento pacífico e

harmonioso que, na disputa leal de louros e de medalhas, congregava em torno de um facho simbólico os mais distantes países e as raças mais diferentes.

Mas o mundo moderno está ainda longe, muito longe de se poder considerar a reencarnação ampliada daquela Grécia soberba, que soube elevar o homem pela harmonia da inteligência e do corpo, da beleza física e intelectual, ao nível mais alto de todas as humanas aspirações.

No nosso país, os dois problemas de cuja solução depende essa harmonia, desafiam angustiosamente a nossa tenacidade: o aperfeiçoamento da raça pela cultura física e a educação do povo no terreno moral e intelectual. Si quasi tudo está por começar, porque não faremos a grande tentativa, promovendo simultaneamente essas duas imprescindíveis formas de educação?

Talvez seja como poeta que eu encaro sempre o exemplo da Grécia, pairando tutelarmente sobre a nossa ânsia de progresso e sobre os planos que nos cumpre realizar.

E foi como poeta que eu senti o meu coração brasileiro vibrar de emoção profunda e de ardor para o trabalho educacional que de nós exigem as novas gerações desta terra moça, ao pisar pela primeira vez a doce terra helênica, ao escalar os degraus que conduzem ao alto do Acrópole, ao passar sob o frontão olímpico do Partenon, ao tocar as brancas colunas daqueles templos, e finalmente, ao contemplar da ampla arquibancada de mármore pentélico, a linha harmoniosa do grande Estádio de Atenas — o mesmo em que os efesos gregos se exibiam outrora, belos e adestrados, fortes e cultos — flores viças de uma civilização que nunca mais o mundo pode atingir.